N.º 58 (2.º) — (180) — 4.º ANNO

Terça-feira, 19 de Dezembro de 1911

PREÇO 20 RS.

Semanario de caricaturas e humoristico
Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ
DIRECTOR E EDITOR
ESTEVAO DE CARVALHO
CARICATURISTA
SILVA E SOUSA
ADMINISTRADOR
RICARDO DE SOUSA

IMPRESSÃO A CORES
Typ. do Annuario Commercial, P. dos Restauradores, 27

Composto e impresso na typographia NACIONAL
38, Rua da Conceição da Gloria (á Avenida), 40

SUCCESSOR DO JORNAL «O XUÃO» Redacção e administração: R. da Rosa, 162, 1.º Lisboa

Uns comem os figos e...

BATALHA REIS

EM NOME DA LEI SÃO CONDENADOS Á MORTE OS CHEFES DA REPARTIÇÃO DE CONTABILIDADE!

SENTENÇA

TUBARÃO RELATOR

SILVA E SOUZA

Zé Beribosa lê a sentença e cordial Bernardino enforca os terriveis... criminosos do escandalo Batalha Reis

Fitas corridas

Leitor amigo, tens lido as revelações que o jornal francez «L'Humanité» vem fazendo pela penna de Fabras Ribas?

Se não tens lido esses artigos sensacionaes, tens pelo menos visto algumas transcripções nos jornaes de cá.

E que pensas tu d'aquillo tudo?

Pensas talvez que aquellas columnas de prosa desvendadôra são mais effeitos de rhetorica e maneiras de vender o jornal do que bocados scintillantes de verdade. Se pensas assim enganas-te. O que Fabra Ribas descreve é verdadeiro.

Só é triste que um jornal estrangeiro venha pôr a nú a espada que pesa sobre as nossas cabeças, quando «muitas pessoas» portuguezas como nós o poderiam fazer.

A segurança das nossas colonias é uma corrente muito fraca, que as grandes nações poderão quebrar ao menór impulso.

Os nossos politicos, todavia, pouco tempo dispõem para pensar a sério n'esses boccados de terra colcnial que são uns thesouros que nós não sabemos aproveitar.

Têem mais que fazêr do que pensarem em ninharias. Em primeiro logar precisam de conhecêr se este governadôr civil o affonsista ou bloquista, se este emprêgo será bom para tal sujeito, se o discurso deverá sêr grande ou pequeno etc. etc.

Pensarem a valêr no que necessita de estudo e attenção... estão-se nas tintas. Pois lê os artigos de Fabra Ribas, leitor amigo, que vieram abrir os olhos a muita gente e vieram mostrar como os gigantes europeus brincam e jogam com a nossa patria tal qual nós brincamos e jogamos com o nosso destino!

Lê, lê que vale mais lêr aquillo do que lêr: «O escandalo Batalha Reis, as manifestações ao sr. Antonio josé» e quejandas linhas do soalheiro naional.

*

Ora ouçam lá esta que não perdem o tempo.

Um cavalheiro das nossas relações encontrava-se em Chaves. Retirando para Lisbôa no dia 13, expediu um telegramma á familia annunciando-lhe a chegada no dia 14 de manhã. O telegramma sahiu de Chaves, ás 10 horas da manhã de 13. O nosso amigo metteu-se no comboio e veiu por ahi abaixo, pensando durante a noite nos entes queridos que de manha o aguardariam na estação, mercê do effeito do telegramma.

Pois bem, chegou á estação e quanto a entes queridos... nem meio! Foi o nosso amigo immediatamente para casa onde soube que o telegramma não chegára ao seu destino.

D'ahi a duas hóras chega um boletineiro com o telegramma. Chegou a tempo, não ha duvida, mas esperem lá. Passa um quarto de hóra e chega outro boletineiro com um telegramma, exactamente igual ao primeiro. O nosso amigo ainda esperou mais, mas não vieram...

Quer dizêr, um telegramma de Chaves a Lisbôa gastou no percurso a bagatéla de 23 horas e picos! Parece que veiu n'uma carroça, o alma do diabo!

O que tem graça é recebem-se dois impressos! Isto prova que o serviço telegraphico é feito com segurança... e rapidêz!

Viva o sôr Antonio Maria da Silva!

Vivóóóóóóó!!!...

*

Leram o projecto da reorganização da nossa esquadra? Pois, senhôres, d'esta vêz ficamos possuindo uma bôa marinha de guerra, cheia de couraçados, cruzadores, canhoneiras, torpedos, submarinos, bombas, gaitas de fólles, etc. etc. A commissão lembrou-se de tudo!

O que nos deu no gôtto foi o prêço: 39 mil e tantos contos! Isto não é muito, bem se sabe, mas, ó gentes da commissão, vocês têem a certêza de encontrar 39 mil reis nos cofres publicos, por mais que os abanem e remexam?

Nós tambem têmos feito projéctos: muito couraçado, muito couro cosido, mas, o dinheiro?... A falta de massa é uma coisa bem triste, não é, senhôres «tubarões»?

*

O sr. Ventura Terra regressou ultimamente do estrangeiro e n'uma conversa com um redactor do «Seculo» declarou que a nossa Lisbôa, comparada com as capitaes dos outros paizes é uma terra muito inferiôr.

O'ra essa! Nós temos coisas muito bonitas!

Temos cêstos de papéis... com as ruas carregadinhas de lâma, postas de pescada e embrulhos de lixo.

Têmos a estação de Rocio com os vidros todos... partidos!

Têmos o Camões, metade preto e metáde branco. Vá lá que isto tem explicação. Como o poéta só tinha um ôlho é justo que haja claridade d'um lado e escuridão do outro!...

Têmos o monumento do Visconde de Valmôr a mettêr-se pela terra abaixo!

E têmos o sr. Ventura Terra que é já uma grande coisa!

♣

Viva a cégada!

Está proximo o entrudo;
Qualquer dia reina tudo!
Alegrae-vos, rapaziada,
Que os politicos de acção
Vão fazêr uma cégada,
Que ha de causar sensacão!
A' frente o «sôr» Arriaga
Dansará o minuete,
Mais o Theophilo Braga,
Que deve ir todo cadete!
O Bernardino Machado,
Mais a pêra e as melhóras,
Fará de «gato pingado»,
Que recolhe fóra d'horas!...
Vae o Antonio Macieira
E o Augusto Vasconcellos,
Um de «velha alcoviteira»
E o outro a vendêr marméllos!...
Segue-se o José Bribosa,
Que faz de «Chica vaidosa!
E o «grande» Eusebio Leão,
Vestido «na afinação!»
Depois o Brito Camacho
Vae trajado de «muchacho!
Luz d'Almeida e mais gaimota
Mascarados á «minhota!»
O senhôr Antonio Zé
Tambem mette o seu bedelho,
Vae vestido de «Xéxé»,
Dá pançadinhas ao velho!
E o Innocencio Camacho,
Que é leve como os pardaes,
Dá «vôos», saltos mortaes,
E cae da barriga abaixo...
O heróe Machado Santos
Faz de «noiva perseguida,»
Que anda a chorar pelos cantos
As maguas da sua vida!...
Vae tudo isto para a rua!
P'ra a semana.

(Continua)

Eurico Zuzarte

A pedido d'este nosso collega de redacção, declaramos que nas paginas illustradas o nosso camarada não tem a minima interferencia, collaborando apenas na parte litteraria, secção theatral.

A redacção.

♣

O caso Batalha Reis

Se no nosso paiz, não fosse rara e muito cara, uma mercadoria que nos grandes paizes pelo excesso da abundancia anda aos pontapés e se chama «o bom senso, de ha muito que teriamos posto ponto final n'este escando que, nos vae já parecendo mais uma questão de homens que uma questão de principios.

Pela ultima vez o declaramos, «O Zé», não tem nem admitte que nenhum dos seus redactores, tendo facção partidaria, se utilisem das columnas do jornal; aqui, só uma norma seguimos e nos levará se tanto fôr preciso, ao sectarismo-a dos principios e nada mais. Fica dito.

Temos, a mais alta estima e no mais subido apreço, a pessoa e serviços do sr. Bernardino Machado, mas, não é rasão para que não digamos a S. Ex.ª que, e o unico responsavel do escandalo estar alimentando odios de seus inimigos e talvez do regimen. Ninguem melhor que S. Ex.ª poderia tel o evitado, uma vez que, tivesse assumido toda a responsabilidade do facto, evitando assim, a comedia ignobil que para ahi se está representando, a proposito do relatorio e deixando apontar como responsaveis, funccionarios que tinham que cumprir ordens do ministro. E basta porque já dissemos o bastante.

♣

Bradaremos no deserto?

Chega ao conhecimento d'esta redacção, um sensacional assumpto que, pela sua importancia nos occupará algumas columnas no proximo numero. Por hoje, limitar-nos hemos, a verberar e com indignação, o que se passa a dois passos do centro da capital, provando bem, a incuria dos serviços publicos, o que não admira porque, todo o tempo é pouco para festanças, politiquices e... arranjismos.

Na freguezia do Beato, a parte que fica dentro de portas, não tem direito, na maneira de ver de quem em tal superintende, a gosar o privilegio de luz, agua e transitaveis caminhos, emquanto que a parte que fica fóra de portas (o que parece inacreditavel) usufrue de todas as regalias.

Ora, não percebemos a razão que das azinhagas da Bruxa, Planetas, Salgadas, Alto das Conchas, Rua de Cima até Chellas, não tenha a sua população a graça de obter luz, agua e pelo menos soffriveis caminhos? Fallaremos largamente do facto que é bem irrisorio.

♣

Antes pelo contrario!...

Um dos heroes que fizeram prodigios por occasião da catastrophe do Porto, conto pouco mais ou menos assim á «Lucta» uma peripecia do salvamento:

«—Houve uma senhora, que por signal tinha ao peito um ramo de violetas, que me prometteu toda a sua fortuna, caso eu a salvasse. Como era muito nutrida e só a podia tirar pela janella, tive de utilisar uma marreta para a fazer sahir.»

Se nós porventura tivessemos de utilisar marreta era para a fazer entrar!...

Hora suprema

Ha dias, o «Matin» portuguez, com aquella douta sabedoria que possue na vastissima bibliotheca da rua Formosa que, é como se sabe um archivo da sapiencia «non plus ultra, «em artigo» editorial, tratava em duas pequenas columnas, d'um problema que pela sua transcendencia, representa para a familia portugueza, a rasão da sua propria existencia, ou ainda, para melhor affirmar o intrinseco valor do problema, diremos: mais que a luz ou que o pão-a instrucção!

Dada a importancia circulatoria, que usufrue o nosso «Matin», desde a capital ao burgo mais recondito do alto Minho ou das margens do Guadiana, é de prever que, os 5:288:128 habitantes d'esta linda colmeia d'oiro tão mal amada pelas suas abelhas e tão invejada pelos lobos do mundo internacional, tenham saboreado aquella lasquinha de prósa, arrancada do inexgotavel filão d'oiro — o saber humano, no que tão fertil é a sabia e douta bibliotheca que tem como taboleta—«O Seculo».

A doutrinação, em que o anonymo articulista baseava a sua admiravel doutrina, quer na forma da argumentação, quer no estylo d'uma percepção tão alevantado como brilhante, era o altissimo problema da instrucção popular! — oceano de vastissimas amplidões onde, esse rutilantissimo diamante que se chama-intelligencia, póde profundar e arrancarnos já d'essas entranhas, o maior dos escrinios que, ainda bem pequeno será para conter a vastidão do saber humano.

Divididos em dois pequenissimos periodos, o artigo, procura o articulista provar que tal problema depende como base ou sua equação primordial, a solução do problema economico, e dentro, d'essa primordialidade, num cantochão lamuriante, vem aconselhando a que se criem mais escolas, a que se vulgarise a instrucção pelo povo, (sempre o eterno explorado e a bola de péla dos habilidosos) como cumprimento da promessa que levou á rasão da sua existencia o ex-partido republicano; hoje, felizmente, transformado em regimen. No seu douto modo de vêr, (e aqui muito bem) as reformas sociaes, são bem mais alguma cousa, que o banal, que o simples decreto, feito pelo ministro que, as mais conhecidas provas que ao paiz deu do peso da sua bagagem intellectual e do valor da sua douta capacidade sociologica foi, o subir cautelosamente a escadaria d'uma tribuna e de juba ao vento, prégar a moralidade da sua oligarchia e prometter ao ingenuo povo o paraiso terraqueo que elle, Messias enviado do progresso crearia, para propria inveja do Christo martyr de que nos falla a Biblia. E á semelhança da Suissa (pobre paiz que te não largam) deseja o articulista que se resolva o problema economico, para assim, os nossos estadistas rasgarem as trévas e illuminarem o paiz com os fecundissimos raios da instrucção! Na equação secundaria, é seu modo de vêr que, é insufficiente declarar por decreto, saido do casarão da D. Arcada, a instrucção gratuita e obrigatoria para combater a ignorancia do povo; dentro d'este campo, borda considerações da velha sabedoria das nações e, assim, deixou o pobre aldeão do Minho e o barqueiro do Guadiana, a dizerem para os seus botões:

Ah! — venha a solução do problema economico — queremos a instrucção! Ora, como o assumpto é da mais alta complexidade e importancia, trataremos d'elle no proximo numero, apezar da nossa miupez intellectual. Au revoir.

ARIEJNARAL

Oh! se sabe!

O sr. José Maria Pereira disse no senado que não sabia fallar.
Mas sabe receber a massa do ordenado, não sabe?

Um milagre

A Maria d'Abrigada
Casou com o Zé Sagasta,
Oito annos foi casada
Mas, filhos, nem um por casta.

Prometteu a S. Quintino,
Lá da sua freguezia
Que, se tivesse menino
Um de cêra lhe daria.

Mais d'um anno é passado
E, a Maria afinal
Inda não vê consumado.
O seu sonhado ideal.

Um dia desilludida
Procurou o padre cura
E, contou lhe entristecida
O fim da sua amargura.

Responde com bom humor
O tonsurado pançudo:
Os ministros do Senhor
Teem remedio p'ra tudo!

Descance que vou pedir
Ao «patrono» da igreja
P'ra que venha influir
No que a devota deseja.

Assim foi; antes d'um anno
A Maria deu à luz
N'um contentamento insano
Um rapaz como um lapuz!

Diz a parteira, a Thereza:
Sabem a quem elle sai?
Que criança! Que bellesa!
E' mesmo a cara do pai!

A sorrir diz o marido:
Assim com essa gordura!?
Acho o muito parecido
Mas, é com o padre cura.

STYL.

Providencias sr. Patriarcha!

Mangualde 17

Sr. Patriarcha!

Mangualde está desgraçado! Mangualde onde tão exuberantemente vegeta o nábo, a nabiça e tambem um bom numero de pares... de tomates está desgraçado!. Desgraçado sim!!

A egreja, a nossa querida egreja onde reverendo... padre Joaquim prega sermões de moral e castidade... a egreja a risonha e bella egreja onde um Christo olha para isto, com aspecto desolador está... arruinada!! Que desgraça! Batalhões de ratas, ratos e ratazanas passeiam por dentro da egreja que é mesmo um louvar a Deus!!

O sr. Prior já não tem opa, pois foi... furada por aquelles enviados de Satanaz!

O azeite que compete ao Joaquim sachrista é bebido tranquilamente por elles (ratos) no mais doce «farniente!»

E os poderes publicos sem se importarem!

E' pois a si que recorremos reverendissimo sr. afim de providenciar que para o tempo das confissões os fieis de Mangualde, não tenham que ir por Nellas abaixo confessarem-se a Canas!...

O mesmo succede Eminencia, com os fieis de Beijós, atraz e Cabanas adeante, que tambem teem as egrejas em terra!

Mas ha mais sr. Se Canas ficasse proximo estava bem, mas não, para lá se chegar o unico caminho que ha é ir por Nellas abaixo, e sendo o unico meio de conducção a «diligencia» das... pernas!

Providencias pois sr. Patriarcha, é o que lhe pedem os fieis de Mangualde que pelos motivos expostos estão impedidos de ir á missa!

Um grupo de Mangualdenses.

O Sonho do Fado

Sobe muito brevemente á scena no popularissimo Theatro da Rua dos Condes, de que é emprezario o nosso amigo Prazeres Junior, a opereta comica com este titulo, parodia ao Sonho de Valsa e original dos srs. Caetano Pereira e Arthur Neves, este ultimo nosso velho e estimado camarada de redacção.

Ao R. Baptista

Esse escuro pedaço de fazenda
Que trazes posto á volta do pescoço,
Talvêz que fôsse outr'óra um lindo moço
Espadachim de força audaz, tremenda!...

Fallo-te assim, porque essa bella prenda,
Venho alquebrado, só de pelle e ôsso,
Faz-me lembrar um solido colôsso,
Um ferrabraz d'esses que pinta a lenda!...

Comtudo hoje a velhice é manifesta:
Cáem-lhe os péllos brancos sobre a testa...
Soberbo heróe que o tempo... descórou!...

Trata-me esse velhóte com filé,
Leva-o á missa e compra-lhe rapé,
Que não é «catch-cold», é teu avô!...

Venha a verdade

Os garotos da rua, dizem que temos uma indemnisação a pagar a proposito da Separação das egrejas do Estado, os homens de bem — dizem que não.

Ora, o «Supplemento» do sr. da Graça, dava-nos o nosso venerando presidente, empunhando uma balança; e d'um lado a jesuitada, d'outro, uma bolsa com dinheiro e dizia isto:

«Não custam tanto como se julga, mas ainda assim pessam como burro!»

Ninguem ignora, que o novo amigo do Cidadão Bernardino Machado, é um pimpão em materia de alta politica; ou elle, não fosse um ardoroso republicano historico (?) por isso, tem um certa importancia a pagina do «Supplemento!

Quem falla verdade?

Que seria?

O D. Affonso, mais vulgarmente conhecido por «Arreda», foi a Roma visitar o papa.

Que diabo fariam o caréca e o ginja?

No paraiso dos... doidos

Emquanto os magicos se arranham, vae o Mirabeau da republica fazendo bichinha gata ao povo!

Viseira Carregada

Estão-se para ahi manifestando não sei se com sinceridade, se com hypocrisia, doentias sensibilidades que choram lagrimas ardentissimas sobre as justas condemnações que teem sido impostas áquelles que, esquecendo o que devem a si proprios e á Patria, não trepidaram em pôr em risco a nossa independencia, para que triumphassem os seus odios, as suas ambições e as suas crenças, se é que por acaso alguns terão d'isso. Vae d'ahi, aquelles que choram quem é condenado por cobardente attentar contra a vida d'uma nação, por esquecer os mais rudimentares deveres de um cidadão e de um homem, por dar ao mundo civilisado o ignobil espectaculo de um membro de uma nação organisada, buscando auxilio e asylo fóra d'ella, não já para a prejudicar, mas ainda para a aniquilar, aquelles que os choram não vêem que nem ao menos lhes tem sido applicadas penas que estão espiando tantos e tantos, que mataram um homem, um ente humano, o que é decerto menos que atraiçoar e pretender matar uma nação inteira, espesinhar um Povo inteiro, destruir a tranquilidade e a futura felicidade d'esta grande familia que é ou que tem de vir a ser a Patria Portugueza.

Crêmos bem que são mais os hypocritas que os sinceros, entre aquelles que publicamente veem lacrimejar, talvez mais livremente e mais lamurientamente do que se lhes deveria consentir, por muito livre que seja a lagrima. E é claro que não precisamos argumentar com a forma como foram tratados os revolucionarios de 31 de janeiro, para pôr bem em destaque quanto de disparatadas ou de facciosas teem essas publicas lamentações, tanto mais que esse argumento é já um logar commum.

Que tratem de outra vida os que choram e os que gritam, já que ainda tiveram o desplante de querer encontrar na alma pura, simples e boa do povo portuguez alguma coisa que lhes servisse para desviar o braço da Justiça, da merecida condenação, para aquelles que merecem não só dos portuguezes, mas de todos os homens honrados e honestos, a repulsa e o nojo que não merecem mesmo os «apaches» de Paris ou os estranguladores das creanças da America.

Outra vida, senhores chorões do jornalismo «independente».

ARTHUR NEVES.

Merlim e Veviana

E' a descripção d'uma lenda, que parece ter circulado para a imaginação dos mortaes ahi por meados do seculo VI e que, D. Cacilda de Castro, passou ao poema e fez interpretal-a no Theatro ao ar livre no Jardim da Estrella quando, ali realisaram alguns espectaculos os nossos distinctissimos artistas Adelina Abranches, Alexandre de Azevedo, Pinto Costa e outros collaboradores de muita valia.

O trabalho de Cacilda de Castro, é um primor de raro valor, e prova bem, o seu peregrino talento bem pouco vulgar e, tem tanto ou mais valor, dada a transcendencia dos trabalhos litterarios a que se dedica.

A mulher, para dar publicas provas dos fulgores do seu talento, não necessita descer a ridiculas pretensões de politica e de pensadeira asnatica.

A illustre poetisa, já quando da interpretação do seu trabalho no Jardim da Estrella, recebeu a consagração devida dos criticos intellectuaes, da imprensa e do numeroso publico por isso, não necessita dos nossos encomios que, sinceramente hoje substituimos por um aperto de mão, fazendo votos, para que continue dando-nos provas do seu muito e real talento.

Agradecendo a gentileza da offerta, não deixaremos tambem de felicitar a importante livraria Cernadas & C.ª que, foram os editores do primoroso trabalho de Cacilda de Castro.

Rimar é bruta...

I

As tuas tranças, amor,
São lindas, são de encantar,
Porém, já vi sobre as ditas,
Um piolho a passeiar.

II

A affeição que a ti dedico,
Faz-me andar apaixonado;
Rebento os botões do fato,
Tenho o coração inchado.

III

As tuas mãos setinosas
São bellas, são engraçadas,
Eu tentar-me-hia a beijal-as
Se ellas andassem lavadas.

IV

Toda liró, minha amada,
Passou quasi a noite inteira,
A cantar á desgarrada,
Co'uma enorme bebedeira.

V

A tua cara redonda
Faz me lembrar um repôlho;
Quando te fito de frente,
Deito raméla d'um ôlho.

VI

Eu queria dar-te um beijo,
Mui ladino e mui brejeiro,
Na tua bocca mimosa,
Se não tivesse mau cheiro.

ELMINO, FILINTO & ELIAS

Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Remodelação da sua Caixa de Reformas e Pensões

Comquanto, já pertença ao dominio publico, o claro conhecimento dos relevantissimos serviços que, no alto cargo de presidente do conselho d'administração, o venerando cidadão Victorino Vaz Junior, vem prestando á companhia, ao paiz e em especial á grande familia ferro-viaria, que muito tem melhorado em todas as suas manifestações da actividade; facto, que se tem salientado desde a alta ingerencia de Victorino Vaz nos destinos da poderosa companhia, ainda a ingratidão de certos elementos perturbadores da boa ordem e união que devem presidir entre a numerosa legião dos trabalhadores, procura offuscar as boas intenções de S. Ex.ª a ponto, de á dias o importante jornal «Diario de Noticias,» em resposta a uma reclamação apresentada ao sr. Ministro do fomento, noticiar o que gostosamente transcrevemos:

Sabemos que, ao contrario do que se tem propalado, que a administração da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, não só não tem descurado o estudo das reclamações feitas pelo pessoal sobre a remodelação da Caixa de Reformas e Pensões, um dos serviços da referida Companhia, mas afincadamente se tem occupado do assumpto.

Em principios d'este anno foi encarregada uma comissão especial de estudar a questão. Os trabalhos d'essa commissão estão a ser impressos para depois serem presentes ao conselho de admini-tração, o qual sobre elles tem de resolver.

A dificuldade e a importancia da materia de que se tratava, a necessidade de um exame minucioso das circumstancias especiaes do modo como tem funcionado a referida Caixa de Reformas e Pensões, e o estudo das instituições similares dos paizes estrangeiros, especialmente da Espanha, França, Alemanha e Russia, o desejo de melhorar quanto possivel, as concessões ao pessoal compativeis com os recursos financeiros da Companhia, e ainda a ausencia da commissão especial a que nos referimos, de dois dos seus membros mais competentes, srs. drs. Sidonio Paes e Duarte Leite (este um dos que estavam especialmente encarregado de estudar um dos pontos mais importantes do assumpto), que deixaram de fazer parte da administração da Companhia, por serem chamados a desempenhar as altas funcções de ministros da Republica, justificam, sobejamente, a demora que tem havido na solução da questão.

A Penitenciaria

Tanto se tem dito e muito mais escripto, a proposito da syndicancia aos actos do seu director e sub-director; a final, trazido o horrivel crime para a discussão em S. Bento, apenas nos traz uma questão de «lana caprina», provando-se mais uma vez que, é unica e simplesmente a questão do individualismo, o grande, o terrivel mal que parece, eternisar-se e contribuir para o descalabro de tudo isto.

Quando entraremos na grande estrada dos principios e na lucta para a conquista do rejuvenescimento, creando fortes espiritos incapazes de descerem a miserias e mesquinhos odios proprios de selvagens? Pobre progresso, que escuridão apezar do teu seculo XX.

Prazer dos Deuses...

A proposito, do edificante e vergonhoso caso Batalha Reis, ora de pontifical, o Waldack Rosseau do governo provisorio, o sr. Antonio José d'Almeida, no seu jarnal A Republica! — não leram? Tem graça e muita graça.

Ora, cidadão Antonio José d'Almeida, não será um desaforo e uma desvergonha escrever assim quem, elevou de 30 a 72 os inspectores primarios? Quem elevou a 500 contos a despeza com o augmento de professores e num total de 1$000 contos a sua reforma de instrucção primaria que, é inexequivel dentro d'alguns annos?

Ainda quem, sanccionou a nomeação de cidadãos para inspectores que são a vergonha das vergonhas? Vamos cidadão Antonio José, quem como o cidadão, é culpado do escandalo da suspensão dos concursos para as novas Escolas Normaes Secundarias n'este paiz, onde a propria instrucção primaria tem sido e ainda é uma vergonha, deve estar muito caladinho e não deitar foguetes tão... vistosos!

Concorde, que o melhor será não irritar.

Para bom entendedor...

Coisas que a gente vê

10-12-911.

O Braz Cachôrro é um amigo divertido Com uma filosofia bebida nos livros de Socrates leva esta vida á gargalháda, e tem razão...!

Agora mesmo acaba elle de me vir acordar á cama, para me ler esta noticia que achou no «Seculo»:

Manhã

Versos do sr. João M. Ferreira

Em terceira edição, da Livraria Ferin, foi publicada a poesia «Manhã» com que o distinto poeta sr. João Maria Ferreira concorreu ao concurso poetico dos Jogos Floraes, realisados no Instituto de Lisboa em Junho de 1908, obtendo a classificação de bom.

Os versos, que n'esta edição o autor dedica ao general sr. Schiapa Monteiro, são melodiosos, inspirados e de metro vario. Serão incorporados n'um volume que o autor tem em preparação com o titulo «Primaveras»

Eu leio estas coisas e fico espantado. O que é a grande reportagem! Feliz do homem que consegue prender assim as atenções dos jornaes. E diz-se que em Portugal não ha quem se interesse pelas letras! Há tal. Quando uma poesia de João Maria Ferreira desperta este sucesso, o que acontecerá quando aparecer nas livrarias um livro de Junqueiro!...

Pois sim senhor. Como é que este redactor do «Seculo» soube que a «Manhã» ia ser incorporada n'um volume com o titulo de «Primavera?» Que elle noticiasse o aparecimento da 3.ª edição, vá; mas como soube elle o que só o autor podia saber?—pensava eu.

—O' meu pateta,—segreda-me o Braz Cachôrro ao verme assim assombrado,—a noticia foi posta no jornal pelo Sevilha e paga a tanto por linha, pois ainda não déste por isso?...

E' um réclame como outro qualquer.—

*

Decididamente, eu nunca heide passar da «cêpa» torta.

Nunca triunfarei; nunca hei-de ser alguem n'este mundo! Não me fiz para isto, não nasci para ser celebre e tenho pêna.

Tenho horror ao réclame espalhafatoso. Detesto a meia duzia de linhas mercenarias do jornal que hão-de apregoar o meu nome aos quatro ventos. Não nasci para a gloria, hei-de morrer obscuro.

Com effeito, para me impôr á consideração publica, para ser escriptor, poeta mimoso ou vate inspirado, laureado, etc. precisava de gastar dinheiro á farta em annuncios apregoando o meu talento como o Dias Amado apregôa o seu Depurativo, e ás vezes nem para meia desfeita no João do Grão eu tenho uns vintens!...

Como se fez o «Sevilha?»

Não ha duvida que elle tem hoje um nome; ridiculo embora, mas tem nome. N'outro paiz que não fosse Portugal, elle seria corrido á batata. Aqui é um grande, um inspirado poeta, uma gloria nacional presente e futura. Amanhã será admitido na Academia Real das Sciencias, para engrossar a falange dos idiotas, que já existem n'aquelle Olympo.

O réclame é para toda a obra.

João Maria Ferreira quer ser um imortal, ha-de ser um immortal, custe o que custar.

Hontem aparecia fotografado num bilhete postal montado no seu cavalo Sevilha e gritando á multidão:—Eis o «Sevilha» no seu cavalo Ferreira! Successivamente foi aparecendo o seu retrato nas cápas dos livros. Nas «vitrines» das livrarias, quer a gente quizese quer não tinhamos que «gramar» a «carantonha» horrivel do poeta. Hontem sem sem bigode, hoje com bigode e pêra, amanhã de novo mais rapado que um sacristão, e assim por deante.

Agora anuncia a 3.ª edição da poesia «Manhã». Pois venha de lá mais essa versalhada e que o livro «Primavéras» se não demóre.

Oh a poesia do Sevilha! Oh! ambrosia, oh! nectar divino!...

Mas o caso é que o poeta ainda tem quem o admire. Não causa assombro. Já o Boileau dizia: «um tolo tem sempre outro ainda mais tolo que o admire.

MANOEL CHAGAS (Pardielo)

Encyclopedia util

por Armando Ferreira

(Continuando)

ZOOLOGIA

Ruivo—Peixe militante pelas nossas costas; em geral é alourado. Pelos seus serviços foi promovido a cabo.

Mexilhão—Genero de marisco que tem por habito apalpar, mexer, tocar nos objectos expostos. As creanças em geral são mexilhonas.

Porco—Animal que se extrae a carne e de que serve a cauda para sacca rolhas. A femea pertence a politiquice e é atravessada frequentemente por parafusos, roscas etc.

Cavallo—Animal domestico. A femea habita o mar e o macho supporta o peso dos homens. Os noivos preferem-no para os passeios da lua de mel. Vão sempre em cavallo. Ha-os duros de bocca e molle de patilhas.

Pêga—Ave saltitante e descuidada que aparece depois das 11 horas e que come os patos. Não se devem tomar para esposas porque depois das pêgas viram as págas.

Linguado—Peixe que estaciona no meio da bocca... (do inferno perto do ceu da mesma. Tem um gosto muito saborozo, sobretudo se fôr á franceza; faz-se muito quando se está com a lua de mel.

Pinto—Gallo novo abandonado da circulação por ser velho.

Os rapazes em pequenos quando querem dar ares de gallos dizem: eu já pinto.

Valia, este animal, 480.

Peixe Espada—Peixe em forma de lamina que cae facilmente nas costas... do povo de Portugal. Em geral serve-se com molho e se não ha tomates é á hespanhola.

Bôa—Cobra que apaga o «cou» como dizem os francezes das damas no inverno.

Dama esbelta que a leve ao pescoço, forçosamente ha-de ouvir: mas que... bôa.

Diz-se n'uma piada:—Essa é bôa.

Cuco—Passaro que sae do ninho só para dar o «cu-cu» marcador das horas.

Camaleão—Homem publico, commerciante, jornalista; muda de opiniões como muda de côr.

Rato—Animal callado e que hoje perante a sciencia mudou de nome; Chama-se Praça do Brazil—Este animal devidia-se em duas especies: O Rato alecrim e o Rato-S, Bento.

Tubarão—Animal que tem muitos empregos... no commercio, principalmente o nome que se exporta para o Brazil. Dizem elles uns para os outros: Eu cá sou conde e tu, barão.

(Continúa)

CALCULEM!

O conspirador Azevedo Coutinho teve em Madrid uma conferencia com o bispo de Beja.

Já chamam conferencia a um serviço d'estes!...

Coisas irrealisaveis

—«Os 20.000 dollars, retirarem-se do cartaz do **Nacional**.

—O **Republica** deixar de ser um dos theatros mais preferidos pelo nosso publico intellectual e o seu emprezario deixar de escolher peças de agrado certo.

—O **Salão da Trindade** deixar de offerecer completa illusão com a nitidez das suas fitas, escolhidas entre as melhores das melhores.

—O **Apollo** não ter peça para ir ás cem, tanto mais tendo lá os primeiros artistas premiados no concurso Nacional.

—Palmira Bastos não alcançar mais uma corôa de louros na «Princeza dos Dollars», peça com tanto successo em scena na **Trindade**.

—O «Mano Augusto» não sêr uma das comedias de mais pilheria que temos visto ultimamente.

—Deixar-mos de felicitar por esse motivo o **Gymnasio.**

—O «Pae Paulino, mudar-se do **Variedades**.

—Haver alguem que queira passar um boccado da noite alegremente e não vá ao **Rua dos Condes**.

—«A capital de Portugal» peça de Escolapio que na sexta feira sóbe á scena no **Moderno** não ter muita piada.

—A revista «já te matei» de M. Peixoto e Massano em scena no **Salão dos Anjos** não ser applaudida todas as noites.

—As doetistas Las Olivães deixarem o **Salão Foz.**

—O **Chiado Terrasse** deixar de ser o ponto de reunião da moda preferido ás terças e sextas feiras.

—No **Olympia** deixarem de se exgotar os bilhetes em dias de estreias de fitas.

—Não haver no **Central** todas as noites novidades e no **Loreto** fitas falladas de agrado certo.

—O **Chantecler** não ser dos melhores animatographos de Lisboa.

=O **Theatro Infantil** não ter muitos apreciadores.

Colyseu dos Recreios

Continuam os sensacionaes espectaculos em que tomam parte o colloso Mauricie Deriaz, o luctador Chevalier o phenomenal Inaudi, o celebre professor joponez de jiu-jitsu Yukio-Tani etc. etc. Muito em breve far-se-ha a «reprise» da celebre companhia de opereta «città» di «Firenze que obteve o mais collossal dos successos no verão passado. Esta companhia dará um reduzido numero de espectaculos e até á sua nova estreia continua a actual companhia composta de numeros tão valiosos e tanto apreciados pelo publico.

PIADA

No Porto andou outro dia uma zôrra electrica sem governo.

Até parece piada á nação!...

Autofagia

Num primoroso e profundamente philosophico artigo, subordinado ao titulo acima, vinha ha dias, prégando de pontifical na sua «Republica», o Mirabeau sr. Antonio José d'Almeida, o suicidio do ainda adolescente partido do notavel estadista Affonso Costa.

Abase, em que assentava a doutrina do sr. Almeida era, o caso Batalha Reis que, a nosso vêr, é ainda uma simples manifestação desta grave doença que a propria Republica do sr. Machado dos Santos, nem talvez dentro dos vinte annos mais proximos, terá vitalidade para o debelar, tão contagioso é o mal que herdamos.

E senão, vejamos o espectaculo edificante que diariamente nos attesta esse parlamento que, Manoel d'Arriaga, já em tempos classificou de cloaca maxima da sociedade!

Santa Bernardina... ora pró nobis

Ora aqui estão duas **immaculadas!** Uma cahiu do altar abaixo com 50 annos de virgem. A outra procura devotos... e votos!